



## **A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS POLÍTICOS DE RESISTÊNCIA NA OBRA DE ADRIENNE RICH**

Juraci Andrade de Oliveira Leão

Adrienne Rich alcançou, nos últimos anos, o *status* de uma das mais conhecidas poetisas e intelectuais em seu país. Sua obra não mais se restringe somente aos Estados Unidos, pois seus poemas e ensaios críticos têm sido traduzidos para várias outras línguas. A postura crítica da escritora em relação à política adotada pelo governo estadunidense tem lhe propiciado visibilidade como poeta, mas também como intelectual. A poeta tem usado essa expressividade na mídia para manifestar sua indignação com os rumos da política de seu país e engendra um discurso de ativismo político que assume um posicionamento crítico diante das conseqüências desastrosas dessa política.

Sua participação no movimento feminista, somada ao engajamento político, fizeram com que Rich, juntamente com outras escritoras críticas, forçasse, de certa maneira, a entrada e permanência das mulheres na esfera política. A percepção de que o poder está fundado, principalmente, no discurso, faz com que a poeta não só busque fortalecer o discurso das mulheres, mas também requerer seu próprio reconhecimento como uma intelectual. Por essa razão, uma das principais reivindicações de Rich tem sido tornar legítimo seu lugar no campo de luta cultural. Sua relação com o poder se baseia na crítica ao poder instituído e no fortalecimento do poder instituinte, capaz de ir além da mera participação nas instituições. Diante da relevância de sua arte como um instrumento de questionamento e pressão no âmbito da esfera política, busco evidenciar, a posição da poeta como intelectual que participa crítica e ativamente das questões políticas de seu país e de sua interação com outros países.

À luz da reflexão de alguns críticos, discuto o papel dos intelectuais no mundo contemporâneo, principalmente no contexto estadunidense, buscando compreender como Rich tem ressignificado os espaços de resistência política por meio da escrita. Procuo focar a obra de Rich, como escritora e poeta, para verificar de que forma ela legitima seu discurso em um espaço ainda tradicionalmente masculino e de que modo rompe com o discurso patriarcal – base de sua educação formal – e busca revelar outras experiências em seu fazer literário e em seu discurso político. Investigo como sua escrita reflete a intenção de diminuir o distanciamento entre a intelectual e seus leitores e de que maneira a poeta articula sua posição política, que parte de uma formação intelectual tradicional, para uma prática que se ajusta à lógica moderna, destacando as possíveis contradições e tensões que daí resultam.



A globalização e o avanço tecnológico da modernidade colocaram novos desafios para os intelectuais que se vêem cada vez mais dependentes dos meios de comunicação. Para Vera Lúcia Follain de Figueiredo: “A mídia é, hoje, o grande espaço de divulgação e legitimação dos discursos [...]” (2004, p. 146). Reconhecendo que o discurso é seu principal instrumento de trabalho, os intelectuais procuram manter, atualmente, uma relação de proximidade com a mídia.

Para o intelectual palestino Edward Said o “profissionalismo” tem sido um dos grandes problemas dos intelectuais na contemporaneidade. Para ele, a profissionalização tem modelado o comportamento dos intelectuais hoje. A preocupação em preservar suas imagens diante da opinião pública acaba minando uma possível conduta de assumirem o papel de articuladores na representação de uma filosofia, visão ou atitude que desafie o poder. Por essa razão, para Said, os intelectuais contemporâneos deveriam se mostrar mais reflexivos e indagadores sobre o mundo a sua volta. (SAID, 2005)

Adrienne Rich parece incorporar em seu trabalho intelectual essa questão debatida por Edward Said. A poeta tem demonstrado, através de seus poemas, ensaios críticos e entrevistas, seu compromisso primordial com o discurso que tensiona e desestabiliza o poder instituído. Em sua arte, a poeta procura priorizar sempre as questões sociais e políticas relacionadas ao seu tempo e espaço, mas também transita pela história e a música, entre outras manifestações culturais da modernidade.

Rich tem assumido, desde o início da carreira, sua postura publicamente, desafiando a estrutura de poder na sociedade estadunidense. O fato de recusar o prêmio oferecido pelo presidente Bill Clinton em 1997, revela seu compromisso como intelectual que não sucumbe à persuasão do poder institucionalizado. Sua atitude ao publicar a carta endereçada à Casa Branca explicitando as razões que a levaram a tomar tal decisão revela, por um lado, sua despreocupação em preservar a imagem de uma poeta de prestígio mediante a opinião pública e, por outro lado, reforça a intenção de manter uma outra imagem, ou seja, como aquela que tem a coragem de dizer não ao poder instituído. Na verdade, Rich se recusa a receber o destaque na imprensa como uma artista reconhecida pelo então presidente dos Estados Unidos, mas se apropria desse reconhecimento para articular um outro discurso que coloca às avessas as intenções desse presidente.

Por outro lado, mesmo sendo uma entre as poucas vozes que repudiam a soberania de seu país, percebemos que Rich consegue articular e negociar com a mídia, abrindo espaços para não somente criticar os equívocos da autoridade suprema estadunidense, mas também legitimar seu lugar como uma intelectual que radicaliza e se posiciona contra o poder estabelecido. Nessa relação



com os meios de comunicação, Rich procura sempre não ceder sua visão de mundo em troca de sua visibilidade na mídia.

Rich participa do grupo de intelectuais que de alguma forma influenciam ou participam do campo político, principalmente por meio de sua obra que objetiva discutir o “[...] desenvolvimento do trabalho intelectual e teórico como uma prática política” (HALL, 2003, p. 207). A poeta tem mostrado seu interesse, cada vez maior, em vincular sua arte à ação política. Por isso, faz-se necessária também uma análise mais precisa da própria noção de poder, se ele se justifica na afirmação sartriana de que “[...] o poder é essencialmente o poder do Estado” ou se “[...] está em toda parte, e apenas secundariamente no aparelho de Estado [...]”, afirmação essa defendida por Foucault (WOLFF, 2006, p. 63). Sendo assim, Francis Wolff relaciona duas posições dos intelectuais na contemporaneidade – a primeira, defendida por Sartre, classifica-os como “totais” por se mostrarem capazes de falar sobre tudo e em nome de todos e a segunda, defendida por Foucault, atribui-lhes o papel de “[...] estar disseminado em todo corpo social, conduzindo a cada vez uma luta específica” (2006, p. 63). A polarização entre as duas representações demonstra que nenhum dos dois intelectuais acima descritos consegue ser ouvido, pois o primeiro não consegue abarcar a universalidade e o segundo permanece cada vez mais preso à sua especificidade. A angústia causada por essa polarização tem feito com que grande parte dos intelectuais busque sua independência na relação com o Estado.

A autonomia dos intelectuais em relação ao Estado possibilita a compreensão mais global da política a ser conduzida e lhes garante a liberdade na elaboração de um ideal desvinculado dos interesses político-partidários. Isso não quer dizer que eles não possam exercer as duas funções simultaneamente, mas é importante perceber que, no exercício do poder, os intelectuais por vezes se vêem de alguma maneira atrelados a princípios partidários de um determinado governo. Há uma tensão entre o compromisso com a teoria e o interesse maior do Estado. Não se trata, portanto, de separar a cultura (intelectual) da política (poder), mas sim de garantir o que Bobbio chama de “autonomia relativa da cultura”. A cultura deve estar a serviço da política, mas é necessário que haja espaço para a “[...] reflexão, distanciamento crítico, que geralmente é o que o mundo espera do homem da razão” (BOBBIO, 1997, p. 106). Ou seja, os intelectuais políticos não deveriam estar presos a uma única diretriz partidária, mas sim abertos às reflexões em busca de uma visão mais ampla que orientará a ação política.

Sob esse aspecto, parece-me oportuno pensar na posição de Rich não somente como uma intelectual que se nega a reproduzir na mídia um discurso neutro que preserve sua imagem, mas



também como uma intelectual que reforça, através do discurso, sua autonomia em relação ao Estado que é responsável por políticas que ela, como cidadã, tem repudiado. A poeta tem se colocado entre as imagens do intelectual total e do intelectual local, pois sua obra transita e procura discutir tanto sobre as questões universais quanto as específicas. Ela relata desde as questões de ordem mundial até as questões mais peculiares, específicas e subjetivas em sua obra literária, desde a posição do escritor até a temática do corpo feminino como um espaço de poder.

Ricardo Piglia, escritor argentino, discute a relação entre a experiência e a linguagem em seu ensaio “Una propuesta para el nuevo milenio” (Uma proposta para o novo milênio). O autor fala da dificuldade em relatar a experiência tal como foi vivida e sentida sem somente informar sobre ela. Piglia se refere a um ponto cego da experiência que a ficção consegue atingir. Talvez seja essa uma das grandes dificuldades dos poetas em suas buscas intermináveis por alcançar o limite da linguagem e conseguir expressar o inexpressável. Rich explicita, através de sua obra, a dificuldade e incansável busca para decifrar essa linha tênue. A poeta procura, através dos diversos “eus”, dialogar com o outro. Seu poema “A escola entre as ruínas” é um exemplo da tentativa em relatar a experiência do outro. A poeta assume outras vozes para descrever a vulnerabilidade e impotência do ser humano em situações de guerra. O poema demonstra a insegurança e a inevitabilidade do medo dos alunos e professores mediante os constantes bombardeios. O poema é o relato insano da destruição. Ao apontar, no título do poema, algumas das cidades que já foram alvos de ataques dos Estados Unidos, a poeta está mais uma vez assumindo sua posição política ao denunciar e responsabilizar seu país pela crueldade com o outro. Rich busca de alguma forma identificar o sofrimento do outro. Nas palavras de Piglia, ela procura “[...] sair do centro, deixar que a linguagem fale também na margem, no que se ouve, no que chega do outro”<sup>1</sup> (2001, p. 03, tradução nossa). O fato de a poeta revelar, nesse poema, o sofrimento das crianças atingidas pelo bombardeio demonstra seu compromisso como intelectual que pretende mostrar o outro lado da história e distorcer o discurso normalizado. Rich busca, dessa forma, tensionar e desestabilizar a argumentação que rotula o outro seja como violento, terrorista ou simplesmente diferente. Ao fazer isso, a poeta cumpre o papel intelectual, assim compreendido por Said, de não se acomodar à versão histórica oficial e apresenta outra “narrativa” que desafia a “memória nacional” (SAID, 2004, p. 47).

---

<sup>1</sup> Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro.



Rich vem demonstrando, através da arte, suas indagações em relação à idéia da nação. A poeta não descarta a importância da identificação com a nação, mas procura dissociar o discurso de busca pelas raízes culturais daquele que propaga e perpetua o patriotismo exacerbado.

Em seu ensaio “A poet’s education” (A educação do poeta), Rich intercala os textos dos poetas norte-americanos de origem mexicana Jimmy Santiago Baca e Gloria Anzaldúa. Baca, assim como Anzaldúa, fala da importância da margem na definição de sua identidade. Rich demonstra de que forma o bilingüismo, pois ambos mesclam o espanhol e o inglês em suas narrativas, foi determinante para a auto-afirmação dos dois chicanos como sujeitos em uma sociedade que discrimina e exclui o diferente. A poeta reitera a importância da linguagem, mas descaracteriza a poesia como sendo um privilégio de uma elite intelectual: “É mentira que poesia é somente lida por ou ‘fala para’ as pessoas nas universidades ou para uma elite de círculos intelectuais”<sup>2</sup> (RICH, 1993, p. 206, tradução nossa). O excerto de Baca citado por Rich em seu ensaio se refere ao período em que ele era prisioneiro e encontra na escrita uma forma de se revelar: “Não havia nada mais humilhante do que ser incapaz de me expressar, minha desarticulação aumentava meu senso de risco, de estar em perigo”<sup>3</sup> (RICH, 1993, p. 209, tradução nossa). A incapacidade de expressão reforça o sentimento de inferioridade e impotência. No silêncio da prisão, o poeta desenvolve sua capacidade de se expressar. O cárcere lhe rende o envolvimento com a literatura e a paixão pela poesia. Em seu encontro com os poetas Neruda, Paz e Hemingway, através das leituras, Baca percebe que “A linguagem deles era a magia que podia me libertar de mim mesmo [...]”<sup>4</sup> (RICH, 1993, p. 207, tradução nossa). Rich mostra, nesse ensaio, como Anzaldúa e Baca se articulam por meio da fronteira cultural e fazem dela um lugar de crítica constante. Baca afirma: “Eu comecei a aprender minha própria língua, as palavras e frases bilíngües explicando meu próprio lugar no universo [...]”<sup>5</sup> (RICH, 1993, p. 207, tradução nossa). Através do texto bilíngüe, Anzaldúa revela o traço fronteiriço das identidades chicanas. Rich busca, portanto, no diálogo com esses escritores, reconhecer a margem como um lugar de produção cultural.

Assim como os intelectuais exilados que se situam na margem, as mulheres também ocupam uma posição fronteiriça na cultura. Igualmente desautorizadas, elas fazem uso dessa prerrogativa para demonstrar suas visões. Em *Da mulher nascida*, Rich analisa as conseqüências do sistema patriarcal na vida das mulheres, levando-nos a perceber as razões que as levam a temerem seus

<sup>2</sup> It’s a lie that poetry is only read by or ‘speaks to’ people in the universities or elite intellectual circles.

<sup>3</sup> There was nothing so humiliating as being unable to express myself, and my inarticulateness increased my sense of jeopardy, of being endangered.

<sup>4</sup> Their language was the magic that could liberate me from myself ...

<sup>5</sup> I began to learn my own language, the bilingual words and phrases explaining to me my own place in the universe.



posicionamentos no campo intelectual. O discurso patriarcal permeia e ameaça todas as relações da vida social das mulheres. A timidez e o temor ao desempenho das mulheres na esfera pública fizeram e ainda fazem com que muitas delas não estejam atentas aos próprios desejos, deixando-se levar pelo dos outros. A base da insegurança das mulheres, na esfera intelectual, se justifica em constantes afirmações de que o campo do saber estava diretamente ligado aos homens. A partir da consciência de seus valores, principalmente através da educação, elas procuraram ressignificar suas existências.

Através da publicação de seus ensaios críticos e entrevistas, percebemos que a poeta tem buscado compreender e valorizar o trabalho de outras poetisas marginalizadas. Assim como os intelectuais diaspóricos que flutuam entre uma e outra cultura, Rich busca mostrar que sua posição em relação à escolha sexual também é ambivalente em uma sociedade que discrimina aquele que é socialmente diferente. O fato de se assumir publicamente homossexual somada a outras questões que a colocam na marginalidade (mulher, feminista e de descendência judaica) reforçam sua identificação com grupos minoritários. Essa percepção fortalece seu desejo de estreitar ainda mais a relação entre poesia e política. A convicção de que algo poderia ser feito no processo de transformação social é reforçada através do contato com os alunos do programa SEEK e com a retomada de leituras de autores clássicos como Jean Paul Sartre, Albert Camus, passando por W.E.B. Du Bois, James Baldwin, Audre Lorde até os textos produzidos pelos seus alunos. A partir do diálogo entre os autores pesquisados e o que estava sendo produzido pelos seus alunos, Rich se convence ainda mais do poder da linguagem como um instrumento de transformação social.

Assim como os intelectuais diaspóricos, Rich não se sente inserida na cultura que critica, como Yorke acrescenta, “Rich recusa a identificação com qualquer forma de identidade unitária e evita a limitação radical da política feminista, expansivamente inclui uma multiplicidade de diferenças, demonstrando a urgência de suas tensões e jogos nos campos politizados de sua escrita”<sup>6</sup> (1997, p. 115, tradução nossa). Rich se revela transgressora, principalmente por ter migrado da identidade da mulher ajustada à sociedade e que fazia tudo para corresponder às expectativas dessa sociedade até assumir publicamente a postura de homossexual politicamente engajada. A poeta rompe com um conceito de identidade que estaria, segundo Judith Butler, “[...] assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade [...]” (2003, p. 38). O posicionamento na margem rompe com a identificação fragilizada daquela (e) que é vitimada (o). O fato de estar à

---

<sup>6</sup> Rich refuses identification with any form of unitary identity and, eschewing single-issue radical feminist politics, expansively includes a multiplicity of differences, bringing them into tension and play in the urgently politicized fields of her writings.



margem, de viver e participar das tensões ali presentes expõe o indivíduo e faz com que ele desenvolva mecanismos para conviver com a resistência.

Em seu ensaio, “Power and Danger: Works of a Common Woman” (Poder e perigo: trabalhos de uma mulher comum), Rich demonstra a importância da linguagem como um mecanismo de transformação social. Para a poeta, “[...] enquanto nossa linguagem for inadequada, nossa visão permanecerá sem forma, nosso pensamento e sentimento estarão percorrendo os velhos ciclos, nosso processo será ‘revolucionário’ mas não ainda transformador”<sup>7</sup> (RICH, 1979, p. 247-248, tradução nossa). A articulação das idéias é um exercício que deve se materializar através da escrita. Para Rich, o poder está na retórica, na capacidade de articular a fala que seja suficiente não somente para a compreensão do processo de submissão, mas que seja também capaz de responder e combater o discurso dominante. Entretanto, a poeta deixa claro ainda que não tem a pretensão de atingir transformações concretas na sociedade, somente através da escrita poética ou literária, como ela mesma pontua na introdução de *What Is Found There* (O que é encontrado lá) ao afirmar, “a poesia não pode nos dar as leis, instituições e os representantes; os antídotos que precisamos: somente o ativismo público através do número massivo de cidadãos pode fazer isso”<sup>8</sup> (RICH, 1993, p. xviii, tradução nossa). Rich reconhece que na solidão o indivíduo se torna fraco. Por isso, é possível aproximar a visão de Rich à de Arendt quando essa última afirma, “[...] a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir” (2001, p. 201). É, portanto, na união com os outros e através da combinação entre consciência e ação política que as mudanças sociais se tornam possíveis. O papel dos intelectuais, nesse processo, segundo Rich, é importante à medida que possam assumir uma posição corajosa de denúncia das injustiças sociais.

Rich continua fazendo com que sua arte, nesse caso a poesia, possua ritmo e musicalidade, mas que possa ser também um instrumento que abranja a questão política. Por isso, a poeta rechaça a idéia de que a arte não possa estar associada à política. Ao contrário, ela deixa claro que a poesia precisa estar cada vez mais associada à ação política, como afirma em seu ensaio “Blood, Bread, and Poetry: The Location of the Poet” (Sangue, pão, e poesia: o local do poeta): “Eu sentia mais e mais urgentemente a dinâmica entre a poesia como linguagem e a poesia como um tipo de ação, aprofundando, queimando, esfolando, colocando-se em diálogo com o outro além do eu

---

<sup>7</sup> [...]as long as our language is inadequate, our vision remains formless, our thinking and feeling are still running in the old cycles, our process may be ‘revolutionary’ but not transformative.

<sup>8</sup> Poetry can’t give us the laws and institutions and representatives, the antidotes we need: only public activism by massive numbers of citizens can do that.



individual”<sup>9</sup> (RICH, 1994, p. 181, tradução nossa). Novamente a poeta faz repercutir a voz de Arendt para mostrar como a ação e o discurso são inseparáveis. As expressões “aprofundar” “queimar” e “esfolar” têm a conotação de tirar o acabamento que encobre o conteúdo e dá uma aparência às coisas. Essas expressões demonstram a intenção da autora em ultrapassar a superfície discursiva, fazendo com que sua escrita provoque incômodos e possa desnudar as relações sociais. Em outras palavras, Rich busca alcançar a tangibilidade da escrita. Sendo assim, a poesia não permanece na crítica puramente textual, mas se torna um elemento que propicia a efetivação da ação política. Por essa razão, em grande parte de sua poética, Rich prioriza os aspectos ideológicos em sua escrita que tem uma correspondência com a prática.

A poeta ressalta a importância social da linguagem e desmistifica a aura popular da imagem do poeta como alguém que está em um nível superior. Ela não ignora a habilidade do poeta no jogo e na articulação das palavras, mas ressalta a importância em estabelecer, na poesia, a ligação com o mundo à sua volta. Sua intenção é trazer a poesia para a realidade das pessoas, ou seja, Rich tenta combinar sua arte com a política e não ficar apenas no exercício estético da arte pela arte. A poeta assume que uma das maneiras encontradas por ela para registrar historicamente e politizar sua obra foi datando todos os poemas. Fazendo isso, mais uma vez, a poeta desmistifica a figura do artista. O registro temporal de sua obra reflete sua consciência de que o trabalho intelectual não pode ser considerado acabado, pois se ele está comprometido a relatar o estar no mundo em um momento histórico específico, isso significa assumir também a instabilidade da própria escrita que relata esses momentos políticos e culturais. Tal atitude nos permite acompanhar sua trajetória e perceber que sua visão, principalmente em relação à poética, sofre mudanças à medida que ela se envolve nos movimentos sociais e políticos. Rich rejeita a separação da poesia de política ou sua arte da vida e demonstra que sua poesia só tem sentido se estiver refletindo a diversidade de suas próprias relações sociais: “Existe a visão erroneamente mística da arte que assume um tipo de inspiração sobrenatural, uma posse das forças universais não relacionadas às questões de poder e privilégio ou a relação do artista com o pão e sangue”<sup>10</sup> (RICH, 1994, p. 178, tradução nossa). A partir dessa passagem, percebemos que a poeta explicita sua relação com o trabalho intelectual. Ela descaracteriza a aura do artista e nos faz ver os interesses que perpassam a função do intelectual na contemporaneidade.

---

<sup>9</sup> I felt more and more urgently the dynamic between poetry as language and poetry as a kind of action, probing, burning, stripping, placing itself in dialogue with other beyond the individual self.

<sup>10</sup> There is the falsely mystical view of art that assumes a kind of supernatural inspiration, a possession by universal forces unrelated to questions of power and privilege or the artist’s relation to bread and blood.





Sua intenção em politizar a poesia passa pela vontade de democratizar a linguagem. Por isso, mais uma vez, busco aproximar as reflexões do crítico Edward Said acerca do papel dos intelectuais na sociedade moderna à escrita de Rich, pois assim como Said, a poeta procura repensar sua função na sociedade e sua responsabilidade em relação à arte que produz. Ela busca dialogar com outros escritores marginalizados e valorizar a arte que não se prima pelo princípio mercadológico; ao contrário, em sua visão, o intelectual precisa estar atento ao objetivo e tipo de arte que tem produzido. A poeta conclui seu ensaio “Sangue, pão e poesia” afirmando: “Esse tipo de arte – como a arte de tantos outros não canonizados na cultura dominante – não é produzida como uma mercadoria, mas como parte de uma longa conversa com os antepassados e o futuro”<sup>11</sup> (RICH, 1994, p. 187, tradução nossa). Segundo Rich, seguindo mais uma vez a linha de Arendt, é necessário que haja uma relação orgânica entre a poesia e a ação política que leva à transformação social (1994, p. 184). Sendo assim, uma das formas encontradas pela autora para compreender a importância que a escrita cumpre como forma de ação será partir da geografia mais restrita, ou seja, a partir da teorização do corpo nesse processo. Rich busca entender de que forma o corpo gendrado tem sido um espaço que não somente reflete as opressões sociais, como também resiste a essas imposições, abrindo caminho para uma ação política que se faz através da escrita.

### *Referências bibliográficas*

- ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia F. Exílios e diásporas. In: MORGATO, Izabel; GOMES, Renato C., (Orgs.) *O Papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 133-148.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.
- KEYES, Claire. *The Aesthetics of Power: The Poetry of Adrienne Rich*. Athens: The University of Georgia Press, 1986.
- PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Margenes: Caderno de Cultura*, Belo Horizonte; Mar del Plata, Buenos Aires, n. 2, p. 1-3, out, 2001.

---

<sup>11</sup> This kind of art—like the art of so many others uncanonized in the dominant culture—is not produced as a commodity, but as part of a long conversation with the elders and with the future.



RICH, Adrienne. *Blood, bread, and poetry: Selected prose 1979-1985*. New York: W. W. Norton & Company, 1994.

\_\_\_\_\_. *On Lies, Secrets, And Silence: Selected Prose 1966-1978*. New York: W. W. Norton & Company, 1980.

\_\_\_\_\_. *What Is Found There: Notebooks on Poetry and Politics*. New York: W. W. Norton & Company, 1993.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOLFF, Francis. Dilemas dos intelectuais. In: NOVAES, Adauto (Org). *O Silêncio dos Intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 45-68.

YORKE, Liz. *Adrienne Rich: Passion, Politics, and the Body*. London: Sage Publications, 1997.